
HIGIENIZAÇÃO E MEDICALIZAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR

Rosineide Alves de Farias

Mestranda em História (UFCG) e Docente (UVA)
rosehistoriadora@yahoo.com.br

Welton Souto Fontes

Mestrando em História (UFCG) e Docente (UVA)
weltonsf@ig.com.br

Muito tem se produzido acerca da Educação, se analisam metodologias, problemas, histórias. Mas poucos são os estudos que repensam a educação a partir de uma vertente de higienização e medicalização do espaço escolar. Pois, prática higiênica escolar não se fez meramente à luz de uma ciência desinteressada e no exclusivo interesse da população que passava pelas escolas, já que a necessidade de atender a condições apropriadas ao desenvolvimento das crianças tinha igualmente em vista justificar a intervenção de vários profissionais que dirigiam orientações e regulamentações às escolas, dentre esses profissionais, o próprio médico.

A interrogação sobre a produção social da escola e o lugar a ela conferido na construção de uma ordem civilizada, nos levou a investigar os escritos produzidos sobre os preceitos médico-higienistas na configuração do padrão moderno de escola.

Para medicalizar a sociedade, o caminho pautava-se pela medicalização da educação escolar. No extenso programa de regras para o funcionamento dos colégios, compõem o modelo médico-higiênico francês: Michel Levy e Becquerel. A higiene tornou-se assim a “arte de civilizar”.

Heloísa Helena Pimenta Rocha, no artigo Educação Escolar e Higienização da Infância¹, buscou compreender as representações sobre a infância e as práticas por meio das quais os médicos-higienistas paulistas procuraram intervir sobre os corpos e as mentes das crianças, analisando o papel atribuído à escola primária na obra de disciplinamento e conformação da infância, fazendo uma relação com os imperativos da racionalidade higiênica. Percebe assim como o modelo de educação sanitária formulado

¹ ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **Educação escolar e higienização da infância**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 23, n. 59, p. 39-56, abr. 2003.

na esteira da campanha de regeneração física, intelectual e moral, resultou no lançamento do Instituto de Hygiene de São Paulo².

No período de 1922-1927, em que o discurso higienista passa a se articular em torno do binômio educação e saúde, o Instituto de Hygiene constituiu-se também num espaço importante na articulação de estratégias voltadas para a veiculação da mensagem da higiene no universo escolar, quer pela sua atuação na formação profissional dos professores primários, quer pela formação de agentes de saúde pública, quer, ainda, pela produção de impressos destinados, entre outros públicos, às crianças das escolas primárias e a seus mestres. Desafio este cujo enfrentamento exigia um programa de disciplinamento da população, o qual deveria fundamentar-se na articulação entre higiene e moral, a escola primária é vista como a instituição cuja força e poder deveriam recorrer os higienistas.

Foi para entender como os médicos começaram a se ocupar de temas de educação e qual foi essa influência, que José Gondra, pesquisou e escreveu *Artes de Civilizar*³, ressaltando que há muitos livros sobre educação, sobretudo no início do século XX, que eram escritos por médicos. Gondra destaca em sua obra os estudos de Jurandir Freire⁴ e Roberto Machado⁵, que perceberam as transformações do espaço urbano, que deveria ser equipado para mudar o estatuto de vila para cidade, mas também modificar a paisagem humana, educando a população. A escola tornou-se o primeiro foco para higienizar e civilizar a sociedade. O cérebro infantil ainda plástico, virgem de defeitos, e de fácil absorção de novos preceitos seria um aliado fundamental.

Segundo Gondra, a razão é que vai ditar como é que tinha que ser a escola, onde ela deve estar localizada, quanto deve medir cada sala, qual é o equipamento, qual é a iluminação, qual o tamanho das janelas, o que os alunos devem comer, que exercícios devem fazer. É um projeto com um grande nível de detalhamento que se produz por

² A criação do Instituto de Hygiene, atual Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, resultou de um acordo entre o governo do Estado de São Paulo e a Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller, em 1918, tendo em vista o provimento da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Comprometido com o ensino científico da higiene e a preparação de técnicos para o provimento dos cargos de saúde pública, o Instituto foi oficializado em 1924 – pela Lei nº 2.018, que definiu as suas atribuições e competências –, passando por sucessivas alterações estruturais, que foram consolidando a sua autonomia.

³ GONDRA, José. **Artes de civilizar**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

⁴ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

⁵ MACHADO, Roberto. **Danação da Norma: a Medicina Social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

conta da relação que os médicos tropicais tinham com o que estava se passando fora do Brasil.

A higiene é um ramo da medicina (medicina da prevenção). A questão da educação está dentro da higiene, porque educar, dentro da perspectiva da higiene, é prevenir a desordem, a indisciplina. É poder produzir um cidadão afinado com determinados valores, princípios deste estado burguês, civilizado, que se está querendo.

Se a criança é educada na escola, ela vai irradiar isso para o tecido da família, para o espaço privado, interferindo e alterando o funcionamento do espaço doméstico. A interrogação sobre a produção social da escola e o lugar a ela conferido na construção de uma ordem civilizada constitui-se no tema central discutido por José Gondra, o autor ainda indaga sobre o papel da ordem médica na “invenção da escola”, investigando sistematicamente a presença dos preceitos médico-higienistas na configuração do padrão moderno de escola. Afirma que a escola caracterizava-se como um lugar de cura para uma sociedade marcada pela incivilidade, desordem, feitiçaria, curandeirismo e desrazão. E propõe, a partir dessa afirmativa, debater a tese de que a invenção da educação escolar se deu e foi apropriada, no Brasil, a partir de uma matriz e ordem médica, que era uma das formas de tornar coerentes os interesses da medicina, ligados principalmente à necessidade de higiene, através, em boa medida, da educação escolar, espaço percebido pelo saber médico como de suma importância para alcançar seus objetivos.

As diversas instituições urbanas, tais como: bordéis, fábricas, hospitais, cemitérios, quartéis, prisões e principalmente escolas. Foram instituições descritas pelo saber médico como carentes, insuficientes, atrasadas e produtoras de doenças, justificando sua intervenção médica.

Para “medicalizar” a sociedade, o caminho pautava-se pela “medicalização da educação escolar”. Nessa empreitada, José Gondra toma como referência um modelo proposto por dois higienistas franceses: Michel Levy e Becquerel. Mesmo modelo médico-higienista que é referido de forma explícita, em pelo menos três das Teses médicas (as de caráter social) sustentadas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Gondra também trata de vários aspectos eleitos pelos médicos dos anos oitocentos, no seu sonho de promoverem uma educação que integrasse o físico, o moral e o intelectual, sobre uma base higienista. Ao tratar do “corpo educado”, Gondra aponta

para as principais representações ou concepções sobre a Educação Física ao longo da história; lembrando que em ambas são notáveis as marcas próprias das ações médicas: disciplinar, higienizar, medicalizar, psicologizar, biologizar, regenerar, fortalecer, individualizar.

Quanto à medicina dos anos oitocentos, o autor nos alerta para o fato de o corpo não ser visto de forma isolada, sendo acompanhado pelas dimensões moral e intelectual. Ainda conforme Gondra, a prevenção, a correção e a cura constituíram a “base dos argumentos que buscavam criar e impor uma disciplina para a intervenção no corpo” (p. 304).

Já no artigo de Lausane Corrêa e Marcus Aurelio Taborda de Oliveira, intitulado *A Higiene como tempo e lugar da educação do corpo*⁶, os autores destacam como se articulavam os preceitos higiênicos nos currículos dos grupos escolares no Estado do Paraná, mostrando como a retórica da moralização, higienização e civilização dos costumes tinha o corpo dos escolares e a sua educação como um dos elementos mais significativos na afirmação do modelo. O movimento higienista pode ser caracterizado como um dos mais ambiciosos projetos de intervenção social que conheceu a modernidade ocidental.

Entretanto, a higiene como parte do projeto de educação do corpo dos escolares não se restringia a esse conjunto de práticas e saberes, antes, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, inúmeras outras dimensões ganhavam relevo no currículo escolar de modo a tentar consignar um projeto de formação que diferenciava a escola nova das velhas formas de conceber o mundo da escolarização, que se pretendia estender naquele momento a parcelas cada vez mais amplas da população em diferentes países.

Finais do século XIX e iniciais do XX, a escola tornava-se um lugar de disseminação das pretensões quanto ao progresso da nação e a civilização da sociedade, visto que era na criança que se identificava o meio mais proveitoso de se inculcar novos hábitos e costumes, aspecto que tem suas raízes já lançadas no século XVIII europeu.

⁶ Disponível: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss1/articles/7-pykosz-oliveira.pdf> Acesso em: 11/09/2010.

Os autores do artigo, exemplificam a pesquisa de Antonio Gomes Ferreira (2004)⁷, ao tratar do estudo que Gomes empreendeu sobre o controle médico da infância nas escolas de Portugal. De acordo com ele, no final do século XIX e início do século XX, existiam duas linhas de abordagem em relação à higienização escolar, também visíveis no Brasil: inicialmente foi objeto principal das prescrições dos discursos higienistas a medicalização do espaço, principalmente em relação à construção do edifício escolar. Posteriormente, houve um deslocamento para uma preocupação com a medicalização do aluno.

Essa aquisição da higiene mediante a educação abriria espaço para a inserção da medicina no ambiente escolar, uma vez que se percebia a escola primária como principal foco de ação daquele serviço, considerado profilático. A relação de conteúdos lecionados nos cursos de formação de professores para o ensino da higiene, solicitado pelo governo do Estado, indica que os professores deveriam ter conhecimentos quanto às doenças e males que poderiam afetar seus alunos e, conseqüentemente, seus tratamentos e cuidados. Contribuiria para colocar em marcha uma nação ordeira, equilibrada, limpa, enfim, moderna e civilizada. A ênfase na educação do corpo estava inserida num projeto maior de moralização/civilização dos costumes, logo, de adestramento político.

Já nos anos iniciais do século XX é possível observar a emergência desses discursos de enaltecimento do corpo, da saúde, da higiene, devidamente relacionados com a moralização dos costumes.

A Antropologia, uma das mais saudadas novidades científicas da época, que até pelo menos a década de 1940 foi fortemente influenciada por um ideário de hierarquização evolucionista, trazia em sua prática a pesquisa de dados antropomórficos: tamanho, peso, tamanho do crânio, membros, entre outros. Um dos anseios do movimento de renovação educacional no mundo era o controle sobre todas as variáveis que poderiam intervir sobre o bom funcionamento e desenvolvimento do organismo dos alunos. Daí decorrem premissas niveladoras, assim como uma

⁷ FERREIRA, Antonio Gomes. **Modernidade, Higiene e Controle médico da Infância e da Escola**. In: Almeida (org.). *Escola e modernidade: saberes, instituições e práticas*. Campinas: Editora Alínea, 2004.

necessidade de hierarquizar a escola, como no caso da definição de programas graduados e turmas homogêneas.

É possível perceber as mudanças nas finalidades da escola ao longo do tempo. De uma escola que no século XIX, que se constituía fundamentalmente pelos saberes elementares do ler, escrever e contar, com o passar do tempo, além do aumento quantitativo dos conhecimentos ensinados; para uma escola que passava a compreender também a formação dos sentidos nos alunos. Na prescrição, a estética dos prédios escolares passaria, então, a desempenhar a função de envolver a criança não só espiritual como fisicamente, educando o seu corpo pelos seus sentidos.

A alimentação apareceu como outra preocupação dos médicos higienistas brasileiros desde o século XIX, preocupações estas referentes à nutrição eficaz da criança, aleitamento materno e, num plano mais voltado à escola, a introdução no cotidiano das crianças de uma rotina alimentar. Segundo Gondra (2004), a Ingesta, a presença da alimentação no discurso médico, se justifica por ser esta “variável em virtude de climas, riqueza e civilização dos povos” e, portanto “configurar-se como um aspecto obrigatório na agenda dos higienistas, e para a qual o médico não poderia ficar indiferente, já que se encontrava intrinsecamente vinculado à questão da saúde pública...” (Gondra, 2004, p. 191).

Assim, pode-se perceber que a higiene apareceu como integrante do currículo escolar de diversas formas ao longo do processo de definição da educação primária no Brasil. Muitas vezes não definida como disciplina escolar, mas incorporada às questões do controle, da disciplina e (con)formação mediante espaços, tempos escolares e saberes.

Lausane Corrêa e Marcus Aurelio concluem que, a higiene no currículo seria um meio de inculcar novos hábitos e costumes à classe escolar e, no plano mais amplo, seria um meio de disseminar determinados valores para um país que alterava suas formas de sociabilidade. Cabendo aqui o entendimento de Marta Carvalho⁸ (1997), quando compreende a higienização como um modo de disciplina, no sentido de

⁸ CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas.** In: FREITAS, Marcos Cezar de.(org.) *História social da infância no Brasil.* São Paulo: Cortez Editora, 1997.

comportamento, ordem, obediência, sendo que disciplinar não representaria mais a prevenção ou correção, somente, mas teria a função de “moldar”.

No Artigo de André Luiz dos Santos Barbosa: A História da Higienização da Família da Elite Colonial Brasileira,⁹ o autor, baseando-se em Costa (1989) afirma que é através da idéia de nocividade do meio familiar, incluindo aí a educação das crianças em colégios, que os higienistas conquistam a hegemonia educativa das crianças. Afirma-se, então, a concepção da criança como entidade físicomoral amorfa e da educação higiênica como instilação de hábitos. A técnica dessa concepção era a da criação de hábitos:

As más inclinações, prevenidas pela inculcação dos bons hábitos, dispensavam o uso de castigos recorrentes e os agentes externos. Seus efeitos eram duradouros, praticamente invisíveis. Implantavam-se gradualmente na alma dócil, no corpo tenro e flexível sem deixar marcas perceptíveis. (Costa, 1979, p. 175)

Desse modo, o autor aponta-nos o real objetivo da educação higiênica da infância: “*O interesse pelas crianças era um passo na criação do adulto adequado à ordem médica*”. (Costa, 1979, p.175).

Essa docilidade dos corpos é explicada por Michel Foucault¹⁰ (1977) na obra *Vigiar e Punir*, quando relata o efeito do poder disciplinar sobre os corpos. O corpo dócil, ou “docilizado” pela disciplina, não só faz o que o outro quer, mas também opera como o outro quer, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. Assim os higienistas concentravam seus estudos na educação física, moral e intelectual das crianças, em geral ou no ambiente dos colégios. A educação física passa a ser vista como um fator capital na transformação social e o internato como o protótipo do espaço disciplinar dedicado ao corpo.

Marco Antonio Stancik, no artigo: Em defesa da espécie: Aleixo de Vasconcellos e o lanche escolar na década de 1920; analisa as proposições do cientista e médico Aleixo de Vasconcellos, tendo em vista a hora do recreio nas escolas. Para tanto é analisado um trabalho de sua autoria apresentado em 1924 à Sociedade de Medicina e

⁹ Disponível:

http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada5/TRABALHOS/GT8_P_ESCOLARE/S/10/810.PDF. Acesso: 11/09/2010.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: historia da violência e das prisões**. Petrópolis: Vozes, 1977.

Cirurgia do Rio de Janeiro e posteriormente publicado em dois periódicos. Fazendo-se uso do referencial desenvolvido por Michel Foucault, observa-se o olhar vigilante de Vasconcellos sobre o cotidiano escolar, no intuito de normalizar, impondo hábitos higiênicos, em favor da “defesa da espécie”.

Em um dos trabalhos do médico e cientista Aleixo Nóbrega de Vasconcellos (1886-1961). Entitulado *O “Lunch” nas escolas primarias: seu valor educativo, social e higienico*¹¹, produzido e trazido à público em 1924, teve por objeto a disciplina dos escolares das séries iniciais. Trata-se de uma comunicação feita à classe médica e posteriormente publicada em dois periódicos, por intermédio da qual o autor se propôs a dar uma contribuição para a “defesa da espécie” e o “aperfeiçoamento da moral e da mentalidade” no Brasil.

Apesar de seu nome ser hoje pouco conhecido, nas primeiras décadas do século XX e, ao que tudo indica, até o final da Primeira República, Vasconcellos obteve prestígio e projeção nacional e mesmo internacional como homem de ciência¹², como então costumava-se dizer.

Centrando a atenção nos estudos relativos à realidade brasileira, observamos que numerosos trabalhos têm se voltado para o processo de medicalização das cidades, ou seja, o processo de incorporação destas e de suas populações à esfera do saber médico-científico. Jurandir Freire Costa, fazendo um contraponto entre a sociedade colonial e o século XIX, e entendendo este último período como caracterizado pelo trabalho de normatização médica, afirma que “a higiene utilizou amplamente esta tática: apropriou-se das crianças, separando-as dos pais e, em seguida, devolveu-as às famílias convertidas em soldados da saúde”¹³.

¹¹ VASCONCELLOS, Aleixo de. **O “Lunch” nas escolas primarias: seu valor educativo, social e higienico**. In: *Brazil-Medico: Revista semanal de medicina e cirurgia*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 11, p. 163-166, 13 set. 1924.

¹² Naquele período, o médico Aleixo de Vasconcellos foi reconhecido como precursor nas pesquisas para o tratamento da coqueluche, no Brasil. Criador da pioneira revista *Leite e Laticínios*, foi ainda delegado do Brasil em eventos científicos internacionais; presidente e organizador de congressos nacionais relacionados à febre aftosa e ao leite e laticínios; chefe da Seção de Leite e Derivados do Ministério da Agricultura; professor do ensino superior, entre outras atividades.

¹³ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. P. 204.

A ênfase na educação, cumprindo o papel de tornar possível a sujeição e utilidade dos indivíduos, é apontada como uma das estratégias adotadas pelos médicos higienistas no processo de medicalização da sociedade¹⁴.

Vasconcellos pregou que, através da escola, a higiene poderia e deveria ordenar espaços e modelar os corpos dos futuros cidadãos. Por isso seria imprescindível que os olhares médicos se voltassem atentamente para aquela instituição. Assim seriam produzidos conhecimentos através dos quais eles poderiam contribuir no processo de modificação de hábitos e condutas, e de superação de saberes que a ciência revelava infundados. Mais que infundados, capazes de comprometerem a saúde da população.

Afinal, analisando a sociedade brasileira, Vasconcellos concluiu que o homem brasileiro, não praticando hábitos higiênicos, estaria continuamente comprometendo sua saúde e, por extensão, o futuro da pátria. A defesa da espécie dependeria, portanto, da construção de subjetividades, pela imposição de hábitos e condutas higiênicas na natureza dos indivíduos. Esses hábitos higiênicos o defenderiam dos principais males que fariam do brasileiro um povo fraco, doente, pouco produtivo. Desta maneira, dirigindo-se aos indivíduos, aquele saber médico deveria ocupar-se inclusive dos pequenos gestos, com as atitudes mais habituais, vulgares, afirmando apresentarem eles interesse para grandes causas. Entre elas, como ressaltava Vasconcellos, zelar pelos destinos da pátria.

Isso nos ajuda a compreender sua sentença: “crianças normais, robustas, educadas sob hábitos de saúde desde os seus primeiros anos deve ser o ideal de todas as escolas”. No seu entendimento, para tornar possível aquele ideal, o cotidiano escolar, bem como a organização dos espaços, o mobiliário, e tudo mais, teria que ser disciplinado.

Sobre tais aspectos Vasconcellos voltou seu olhar e registrou suas proposições. Segundo suas palavras, nenhuma ocasião seria “mais apropriada para dissertações sobre instrução e educação higiênicas do que o horário do recreio escolar”. Indicava, nesse sentido, que “ao invés de ficarem as crianças em debandada”, deveriam os professores “reuni-las junto a mesas convenientemente preparadas, com talheres, copos, água

¹⁴ PEREIRA NETO, André de F. **Ser médico no Brasil: o presente no passado**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001, p. 125.

filtrada, etc. e durante a refeição ministrarem noções sobre o valor dos alimentos, corrigirem os defeitos de cada aluno e indicar as regras de alimentação”.

Para seu próprio bem, afirmava, e para o bem da nação, todas as suas condutas, todos os seus procedimentos deveriam estar sujeitos ao olhar médico, ao olhar do cientista. Assim, este poderia impor a norma, moralizando, eliminando comportamentos desviantes.

Vasconcellos evidencia assim o emprego do saber como prática política de intervenção sobre a sociedade, de controle sobre os hábitos e condutas da população. Mais ainda: sobre suas sensibilidades e suas formas de sentir e pensar. Um saber que, uma vez trazido à público, revelava, ao mesmo tempo, caminhos e saídas diante dos impasses e dificuldades enfrentados pela sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX.

Por fim, podemos concluir que em meio a um conjunto de práticas que o aluno deveria vivenciar cotidianamente estava: a revista do asseio do corpo e das roupas; a revista da escola pelos alunos, num exercício que, aproximando-os das práticas desenvolvidas pelos inspetores sanitários, fazendo com que os alunos praticassem a vigilância sobre o próprio ambiente doméstico. A aquisição dos bons hábitos configurava-se, desse modo, numa obra de disciplinamento, por intermédio do qual se buscava modelar os mínimos gestos da criança, tornando-os automáticos, quase naturais. A higiene no currículo seria um meio de inculcar novos hábitos e costumes à classe escolar e, no plano mais amplo, seria um meio de disseminar determinados valores para um país que alterava suas formas de sociabilidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas**. In: FREITAS, Marcos Cezar de.(org.) História social da infância no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

COSTA, Jurandir F. **Ordem médica e norma familiar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. P. 204.

FERREIRA, Antonio Gomes. **Modernidade, Higiene e Controle médico da Infância e da Escola.** In: Almeida (org.). Escola e modernidade: saberes, instituições e práticas. Campinas: Editora Alínea, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: historia da violência e das prisões.** Petrópolis: Vozes, 1977.

GONDRA, José. **Artes de civilizar.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

MACHADO, Roberto. **Danação da Norma: a Medicina Social e constituição da psiquiatria no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1978.

PEREIRA NETO, André de F. **Ser médico no Brasil: o presente no passado.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001, p. 125.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **Educação escolar e higienização da infância.** Cadernos Cedes, Campinas, v. 23, n. 59, p. 39-56, abr. 2003.

VASCONCELLOS, Aleixo de. **O “Lunch” nas escolas primarias: seu valor educativo, social e higienico.** In: Brazil-Medico: Revista semanal de medicina e cirurgia, Rio de Janeiro, v. 38, n. 11, p. 163-166, 13 set. 1924.